

# OS ÚLTIMOS TUPINIQUINS

## (A ilusão da Terra sem Males)

Reportagem de Marcos Faerman e Rogério Medeiros.

São histórias que o sertão esconde: quem sabe do amor do imperador e da índia? Quem sabe dos jagunços que avançaram com armas na mão sobre as terras dos tupiniquins? Quem sabe das grandes florestas onde os índios caçavam e que estão sendo derrubadas? Quem sabe da grande caminhada dos guaranis, sempre a pé, em busca da Terra sem Males?

Quem lembrava, ainda, dos índios tupiniquins, que as crianças brancas conhecem nas aulas do primário e do ginásio? Por muito tempo se disse: séculos de contatos com os brancos destruíram os tupiniquins... Eles viviam no litoral. Foram amigos dos portugueses. Lutaram ao lado dos portugueses contra os ferozes tupinambás. Nas histórias de nossa infância, os tupinambás eram os vilões, aliados dos franceses. Os tupiniquins eram os Bons Índios, os amigos.

Mas agora os tupiniquins voltaram. Tenho à minha frente um homem baixo, com uma calça esfarrapada, a cara curtidura. Não se parece nada com os tupiniquins dos livros escolares, com suas penas, com suas flechas, avançando em hordas sobre os ferozes tupinambás. Este homem não é um guerreiro. Mas é o chefe dos tupiniquins desta aldeia perdida no interior do Espírito Santo, a duas horas da capital, mas perdida. (Nesta aldeia, de poucas ruas, onde vivem algumas centenas de pessoas — muitos deles são índios.)

É uma tarde qualquer. Todos os dias são iguais neste lugarejo de casas de barro, piso de chão batido. Todos os dias os homens partem para o rio Piraquê-açu, para o mangue, para as ilhotas, em pequenas canoas; saem cedinho e voltam à tardinha, isto é religioso. O chefe índio chama-se Alexandre Cizenanda e está sentado num tronco de árvore, após as tarefas do dia. Vai falando baixinho sobre esta vida.

— O pobre sai na mariscada, se bate no mangue atrás do caranguejo que vende para o homem do caminhão que vem buscar o caranguejo todo dia, todo dia. O pobre sai só com o cafezinho na barriga, sem o feijão, o feijão vem de noite. Esta vida não é boa, homem.

Os barquinhos vêm vindo pela água quieta do mangue. Alguns são tripulados só por homens. Outros têm mulheres, crianças. Famílias inteiras se enfiam na busca ao caranguejo. "É grande toda vida isto aí", vou escutando. "Se não souber, se perde aí, se perde no rio". Os homens se queixam: "É duro aí, dando tapinha nos bichinhos, atufando no barro". No rio Piraquê-açu, tem ainda o perigo do murutu-cutá.

— É um peixe amigo do demônio, se morde a gente não dura uma lua. É um peixe que parece uma cobra. Dá muito murutu-cutá no mangue.



Alexandre Cizenanda, o chefe. Não gosta de falar, mas fala. "Era tudo índio aqui, era tudo índio e tudo vivia na mata; era tudo índio e vivia nas barraquinhas, caçando, fazendo colheita, era tudo índio aqui. Tinha muito abacaxi e tinha muita fruta outra. Café do índio não era café do branco. Era café de cana, café tirando. O pessoal era feliz todo ele."

Pergunto: eram felizes? Ele me olha, admirado: "Felizes".

— O pessoal era feliz todo ele. Meus avós, meu pessoal, todos felizes; índio vivia 80 anos, era forte até a morte. Olha aquele ali. É filho do primeiro capitão, pois o capitão era moço. Morreu. Antes os índios viam tempo, muito tempo. Agora, qualquer doença, índio está morrendo. Índio era feliz. Mas depois as companhias foi entrando na terra dos índios. Tomaram conta. Não é mentira, tomaram conta. Pessoal sem ter onde trabalhar. Pessoal sem ter o que fazer. Sem nada. Tem índio que não come, tem índio que não bebe. Não come, não bebe, morre. Morreram muitos. Era pequeno. Não cheguei a alcançar as histórias deles. Mas contavam muitas histórias sobre coisas muito antigas, mas eu não conheço as histórias, ninguém agora conhece.

O sol está batendo sobre toda a extensão do mangue. Alguns índios pulam sobre a água, nadam. Até os menores deles nadam com perfeição. Passaram o dia inteiro enfiados no barro, agora querem brincar. Os mais velhos estão apressados. Querem passar os caranguejos para os brancos do caminhão que vão revendê-los por um preço cinco vezes maior, nas cidades próximas — e irem para casa descansar. Alguns voltam à noite para procurar mais caranguejos no Piraquê-açu.

Um outro índio se aproxima, fica ouvindo. É um homem de uns cinquenta anos, mas parece muito cansado. É índio mas não tem jeito de tupiniquim. É um guarani, e se chama Quarai. Quarai é nome de uma cidade e de um rio no Rio Grande do Sul. Ele é um dos guaranis que, depois de muito caminhar, chegaram ao Espírito Santo. Ele e seus irmãos de tribo caminhavam sem parar em busca de um lugar misterioso e sagrado, onde encontraríamos a paz e a abundância. A este paraíso, eles chamavam de "A Terra sem Males".

Pouco sabiam da Terra sem Males a não ser que ela ficava "depois do litoral". A epopéia dos guaranis, andando pelo litoral em busca deste lugar abençoado é uma das muitas histórias sem historiadores que se descobrem no interior do Brasil. Mas sabe-se que os seus antepassados mais remotos viveram na República Guarantica, erguida por jesuítas no Rio Grande do Sul e destruídas pelas ar-

**S**entado em um tronco de árvore, Alexandre Cizenanda, chefe dos tupiniquins, começa a falar da vida. De como sobrevive o seu povo, na aldeia perdida no interior do Espírito Santo, a duas horas da capital. Os dias são iguais, no lugarejo de casas de barro e piso de chão batido. Diariamente, os índios vão pescar no rio Piraquê-açu, no mangue, nas ilhotas. Partem em frágeis canoas. Partem cedo, voltam à tardinha. O índio sai para a mariscada, vende a pesca para o homem do caminhão. O homem do caminhão exige a pesca, sempre. — Esta vida não é boa, não — diz Cizenanda.



mas da Espanha e de Portugal. Há muitas teorias sobre esta república de índios. Ne-la, os índios eram doutrinados para a fé cristã. Esqueciam seus deuses. Mas eram mais bem tratados do que em qualquer outro canto do Brasil. Alguns chegaram a dizer que nesta república revelou-se uma raça de grandes músicos, que interpretavam pelos Vivaldis. Chega-se a dizer que os índios ali eram felizes.

Mas há muitos séculos a república índia foi destruída. As ruínas estão de pé no Rio Grande do Sul. Os guaranis se dispersaram. Alguns, muito tempo depois, saíram em busca da Terra sem Males. Nas caminhadas, índios morreram, índios nasceram. O velho Quarai, que eu vi conversando com Alexandre Cizenanda, às margens do rio, nasceu no Paraná. Depois do Paraná, a viagem seguiu. Sempre a pé. Nesta etapa da viagem, estava à frente dos guaranis Veraguá.

Quarai lembra que eles ainda pararam em Parati. Lá viveram vários anos. Mas os pagés lhes disseram: a Terra sem Males fica mais à frente. Mais à frente. A marcha foi retomada. E assim chegaram até o Espírito Santo. Era uma grande enseada. Os índios pararam e ficaram olhando para toda aquela água. Só poderiam atravessar com barcos. Isto lhes lembrou uma antiga frase: a Terra sem Males ficava depois do litoral.



Deus! Não era isto que estavam vendo? Olhem para o outro lado, irmãos. Lá está a Terra sem Males. Ali os Guaranis encontraram a Paz e todas as coisas boas da vida. Ali, os Guaranis deixariam de ser tratados como uma gente inferior. Era isto que eles esperavam, enquanto olhavam para a outra margem.

Então, caminharam mais doze quilômetros e chegaram a uma aldeia e esta aldeia tinha muitos índios. Mas não eram índios quaisquer. Eram índios que tinham esquecido quase tudo na condição índia. Tinham esquecido o idioma, os costumes e até quase haviam perdido o jeito de índio. Mesmo assim, os tupiniquins gostaram dos

guaranis. E os guaranis gostaram dos tupiniquins. Os tupiniquins ofereceram terras para os guaranis. Resolveram viver juntos. Os guaranis iam despertar nos tupiniquins todo o amor pela condição de índios. E iam lhes ensinar que um índio é um índio e um branco é um branco.

Mas por que os tupiniquins haviam esquecido até que eram índios? Por que não mais falavam a língua tupiniquim? Por que apenas seguiam mantendo sua cultura pelo traçado de algumas redes e peneiras ou pela sua cerâmica?

Vamos lembrar os livros escolares. E os relatos daqueles viajantes que andaram pelo Brasil no século XVI, XVII, como Jean de Lery ou Hans Staden — e que depois escreveram histórias tão estranhas que para muitos dos seus contemporâneos só poderiam ter nascido da imaginação de talentos mentirosos. As aventuras do senhor Hans Staden, por exemplo, são exemplares. Nada ficam a dever aos melhores livros de histórias inventadas de sua época. "Arrojadas aventuras no século XVI entre os antropófagos do Novo Mundo!" O pobre Hans Staden caiu prisioneiro em meados do século XVI dos ferozes tupinambás, índios que abominavam os portugueses e se aliaram aos franceses. Hans Staden era alemão, podia ser considerado um neutro, mas não era. Foi capturado entre portugueses e isto o condenou, para os tupinambás. Na sua aventura, ele se vê como um bom almoço ou um bom jantar em potencial para os índios, que iam lhe poupar o mas sempre advertindo: qualquer dia nós comemos o senhor. Certa vez, o alemão disse a um índio: por que vocês comem os seus semelhantes? O índio deu uma risada e lhe disse: "Não sou um homem, sou um jaguar".

A grande esperança de Hans Staden eram... os portugueses... ou seus aliados, os tupiniquins. Então, ali está. Os tupiniquins tiveram contato com os civilizados desde o começo da colonização. Até amigos dos civilizados se tornaram. Outros viajantes ilustres descrevem, como o pintor Auguste Biard, da própria Corte Francesa, um sujeito talentoso, engraçado, que se meteu em muitas trapalhadas, como os tupiniquins já haviam assumido ares "civilizados" no século dezoenove.

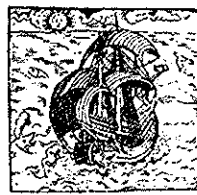
E veio D. Pedro II! D. Pedro II, imperador curioso (como se fosse um viajante estrangeiro), chegando ao Espírito Santo em 1860, "em viagem de inspeção, e anotando todas as "coisas típicas" em seu Diário, e descobrendo seu encontro com "uma índia

velha da tribo tupiniquim", e até recolhendo vocábulos indígenas:

Cabelo..... avá  
Sol..... ara  
Criança..... pitan  
Lua..... lacé.

D. Pedro II... seu nome faz alguns índios pensarem nos velhos tempos. Caminhando por uma ruazinha de Aldeia Velha, encontro um senhor, tupiniquim, que em poucos minutos de conversa me diz que é parente de Joana Martins. Mas quem foi Joana Martins?, lhe pergunto. Ele me diz: "a Joana Martins de Dom Pedro II".

Esta é uma das histórias mais famosas entre os tupiniquins. A história da bela índia Joana Martins, "bisavó" do homem



que está à minha frente, e que teria sido uma paixão de D. Pedro II, um imperador tão austero, tão diferente de seu pai, famoso por seus (muitos) amores, "rapaz estovado", se dizia na Corte. Mas D. Pedro II! E todos os descendentes da índia, linda, que teria sido levada, carregada para a Corte, dizem: "Somos parentes de D. Pedro II".

— Só pode ter sido bonita, não? — pergunto a índio.

O índio fala que D. Pedro II "deu esta terra à minha bisavó, e o marco é o lugar que diz onde está a terra dos índios". Fala, também, de um lugar chamado "divisa", e que o pessoal da FUNAI falou que tem "a pedra da propriedade dos índios".

A história oficial não registra os amores possíveis do imperador e da tupiniquim, que ficou nas conversas à beira do rio, nas caçadas nas matas, nos papos à luz dos lampiões a querosene, nesta noite de sertão, onde a luz elétrica é uma promessa distante. Mas o marco de D. Pedro II, este existiu. Muitos viram o marco imperial. Se ele desapareceu, como desapareceu, foi porque tanta coisa estranha começou a acontecer com estes índios amigos dos portugueses.

Por muito tempo, eles ficaram mais ou menos isolados dos civilizados. É fácil se entender o motivo disso. As suas terras não eram boas... As cidadezinhas mais próximas não se expandiram até as suas ter-

ras. O marco imperial era respeitado. Aqueles caboclinhos índios iam levando sua vidinha no mato. Já eram índios distantes de suas raízes, nos tempos do imperador. O curioso imperador vai anotar em seu caderno que os tupiniquins já em 1860 dançavam o congo, e o congo não é "uma manifestação cultural tipicamente indígena", como diz o relatório de um grupo de professores e estudantes da Universidade do Espírito Santo, que estão estudando os tupiniquins. (Até hoje, o congo é muito importante para eles, como veremos.)

Quinze anos depois, emigrantes italianos chegam ao Espírito Santo e vão levar os brancos até mais perto dos tupiniquins. Mesmo assim, eles continuam em sua vida de caçadores. Ainda há muito de tupiniquins naqueles caboclinhos baixos de pele queimada. No itinerário das desgraças dos índios, pode-se apontar o ano de 1940, quando a área de Caieiras Velha vai ser explorada pela Cia. Ferro e Aço de Vitória. "Mas segundo relatórios pessoais — diz o relatório universitário — não chegou a ferir a integridade das matas onde o grupo tupiniquim ainda caçava."

"O grupo volta à tona no final da década de 60 (vai seguindo o relatório), quando do início das grandes plantações de essências exóticas, com fins comerciais, que culminou com a devastação das escassas matas ainda existentes e alterando, de certa maneira, a conduta do grupo de Caieiras Velhas.

Em face da aculturação bastante antiga do grupo tanto de Caieiras Velhas como das outras localidades, são escassas as informações culturais que possam ser ditas indígenas.



"No que se refere a cerimônias religiosas, praticam cultos cristãos. Seus mortos são enterrados em cemitérios comuns, a maneira dos demais habitantes da região.

"Quanto ao idioma, somente uma mulher de Caieiras Velhas se lembra de três palavras que, segundo diz, são de vocábulo tupiniquim. Durante a rápida pesquisa não pudemos verificar a autenticidade do fato, pois julgamos ser as palavras pronunciadas uma influência dos guaranis, que estiveram por algum tempo naquela região.

"As terras de Santa Cruz, por muito tempo consideradas áridas e de pouca utilidade agrícola, de repente passaram por um processo de valorização. Em nome do desenvolvimento, grupos econômicos de reflorestamento foram trazidos para o Estado, tendo início na década de 60, na região, o plantio de eucalipto. A medida em que a plantação se expandia, os índios passaram a notar o escaçamento da caça e o estreitamento das terras onde livremente plantavam. Dentro de pouco tempo, viram-se despojados de seus terrenos e confinados a apenas três mil metros quadrados de área. De essencialmente agricultor, o grupo transformou-se em coletor. Atualmente, vivem apenas da pesca do escasso dinheiro que as atividades de artesanato lhes rendem, aparentando estado precário de saúde e de higiene. As condições sub-humanas em que vivem são imperativo a que alguma providência seja tomada em favor deste grupo minoritário."

Os tupiniquins ficaram espionando seus compadres subindo, dando adeus. Em Caieiras Velhas ficou só um guarani, João Índio, "capitão" isto é, uma espécie de embaixador. Os guaranis, lá em Minas, juntavam uns dinheirinhos e mandavam para seu embaixador junto aos brancos, e João Índio, com muito sacrifício, ia até Belo Horizonte, até Brasília, se virando, conseguindo mais dinheiro pelo caminho, para pedir que os Guaranis voltassem para a Terra sem Males. Esta terra podia não ser Paraíso. Mas era tão melhor do que outras que tinham conhecido! Além do que, havia mesmo uma Terra sem Males possível para eles? João Índio começou a ficar com muitas dúvidas que lhe eram sopradas no ouvido por um pastor da Assembléia de Deus. João Índio começou a perder a fé na Terra sem Males. Os seus amigos tupiniquins foram vendo João Índio cada vez mais próximo do pastor, ouvindo o pastor.

Um dia, ele concluiu que não havia a Terra sem Males! Este mundo era um vale de lágrimas. Brancos, negros e índios, todos deviam sofrer. Todos sofriram. Ele abandonou os cultos dos antepassados, a sua visão mística, e passou a ser mais um membro da Assembléia de Deus. Tornou-se pastor e também foi pregador. Combinado com um pastor de Minas, todos os guaranis passaram a se converter à Assembléia, menos a velha Maria, mulher do antigo e poderoso chefe da tribo.

Em Minas, os Guaranis só pensavam em voltar para Caieiras Velhas. As terras eram ruins. Era frio. Um dos homens mais importantes da tribo morreu pisado por uma cobra no segundo dia de Minas. Isto não seria um presságio? Era. Foi o que falou a velha Maria. A velha Maria que lutava para que este povo não morresse. Quando tinha um homem em idade de casar, ela corria, arranjava uma Guarani para ele. A velha Maria que impediu João Índio de casar com uma bonita tupiniquim, nos seus tempos de Caieiras Velhas — quando vivia sozinho, longe de seus irmãos que estavam em Minas.

Até hoje, alguns tupiniquins falam de como João Índio, o guarani, apaixonou-se por uma tupiniquim. Estava que era um bobo, de tanto amor. Mas não se casou. A velha Maria não deixou. A tupiniquim também amava o guarani, mas, muito tempo depois, foi viver com outro tupiniquim. A velha Maria, hoje com 90 anos, tem muitos poderes!



# OS ÚLTIMOS TUPINIQUINS

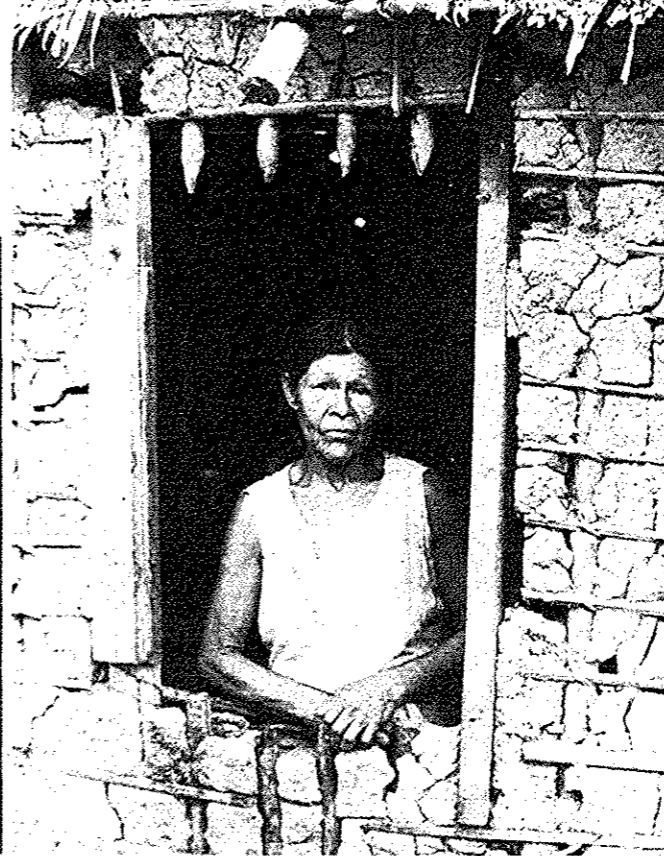
## (A ilusão da Terra sem Males)

Fotos de Claudiné Petrolli.

**D**epois de um dia difícil, os trabalhadores do lugarejo imitam os índios, dançam em círculos, cantam muito. E o tema dessa festa quase sempre é a saudade.



O aprendizado tradicional: arco e flecha.



São poucos os velhos tupiniquins



Os tupiniquins vivem da pesca



O guarani e o tupiniquim: amigos.



Antônio já não vive mais na aldeia



Cizenanda (foto pequena, à direita) mostrou como o seu povo vive, em casas de barro. Quarai, o guarani inconfundível (foto pequena, à esquerda), assistiu-se quando viu o repórter, pensou que ele era gente da Funai.

**H**istórias, histórias do sertão que o sertão esconde. Os velhos Quarai e Alexandre Cizenanda vão subindo, quietos, pela grande ladeira que leva das margens do rio até a aldeia. Cizenanda carrega uma cesta cheia de caranguejos, trabalho de um dia inteiro. É um fim de tarde no sertão. O índio Quarai, guarani, aproximou-se de Alexandre Cizenanda, o chefe tupiniquim. Estão perto do rio e os dois ficam olhando os barcos que se aproximam rapidamente, como se tivessem motores — mas têm apenas os braços índios a impulsioná-los. — Boa tarde. Ou o "governo dos índios". — Boa tarde. Quarai (ou João) está desconfiado com os visitantes. Não sabe o que é um repórter. Para ele, um branco com máquina fotográfica é a Funai. Ou o "governo dos índios", como eles dizem. E ele não se acha em dia com a Funai, embora não admita. Este homem calado e solitário não suportou viver na reserva para onde a Funai levou seus irmãos guaranis, em Minas Gerais. Os guaranis consideram que os seus anos mais felizes foram os que viveram com os irmãos tupiniquins, aqui. Mas foram mandados embora, para a reserva, longe do litoral, longe da Terra sem Males que procuravam, para longe dos tupiniquins. Alguns dizem que eles eram incômodos porque reclamavam terras — enquanto os 600 tupiniquins espalhados por aí, pela região, são quietos. Os guaranis eram 39 mas "contaminavam" os tupiniquins. Um dia, foram levados embora em um caminhão. Bem no alto da ladeira, está o caminhão que vai levar os caranguejos para postos de venda. — Isto é duro... mas a terra está seca... planta e não dá... diz Cizenanda. O dono do caminhão recolhe os caran-

guejos. E o caminhão, na tardinha, vai embora, no meio da poeira, com a frase que o caminhoneiro tanto gosta: — É DURO TER AMOR POR QUEM SÓ NOS TEM AMIZADE. O dono do caminhão e o dono da venda são os homens mais importantes do lugar. E o dono da venda é casado com uma tupiniquim — o pessoal gosta dele. A esta hora, Quarai e Alexandre Cizenanda podem ver algumas crianças índias e outras que não são índias voltando para casa, depois da aula no colégio. Uma indiazinha de cinco anos, num vestido vermelho, chorou muito neste dia, na aula! As professoras Maria José e Enilda mal sabiam o que fazer com ela. As professoras são novas aqui, mas dizem que estão gostando tanto destas crianças! As *curumins* são tão queridas! Gostaram tanto de aprender o "Atirei um pau no gato-tô. Mas o gato-tô. Não morreu...". As professorinhas vêm para a aldeia num ônibus. São quase duas horas de viagem, mas elas estão satisfeitas... uma outra indiazinha, a Audinéia, não foi à aula. Teve que ir com o Pai Nonato procurar caranguejos no mangue. A professora entende estas coisas. São quase cinco da tarde, e no bar do Vantuil, antigo lavrador, alguém diz que o pessoal vai bater um Congo para os visitantes. O bar do Vantuil abre às seis da manhã e não tem hora para fechar. E o lugar que o pessoal tem para fazer as compras e falar conversa fiada, em hora para começar ou terminar, tomando uma pinga. Índio, branco, negro, ficam todos ali, sentados nos caixotes, tirando prosa. — Tudo amigo — diz um velhote que vive no Rio de Janeiro mas que só se sente neste fim de mundo. Tudo amigo... tudo gente de trabalho. Branco, negro, índio, tudo gente de paz. E quem não for de paz... apanha! — Tudo gente boa do sertão — diz João Alexandre, um moço ruivo, inquieto, sonhador... "Ah Jesus, um fotógrafo, como eu queria uma foto do meu bebê, uma foto de binóculo... ah Jesus, quando vier a colheita eu compro uma máquina e faço uma foto de meu bebê... e depois compro um carro e saio por este mundão de Deus... saio dando por aí... até as terras de seu Bufão, até mais longe, mais longe... levo quem quiser ir comigo... solto no mundo, no

mundo da lua, bem como eu sou... mas será que a colheita vai ser boa... há tanto eucalipto, a gente vai ter que comer eucalipto, meu Deus! A praga do eucalipto começou alguns anos atrás. Antes disto, veio a praga dos jagunços. Homens armados que andaram por toda a região assustando o povo. Eram dirigidos por um major que se dizia do Sindicato do Crime. E a turma do Sindicato do Crime não brincava, matava sem vacilar. Matava por empreitada. "Ainda mata" — sussurra alguém. O pessoal tem até medo de falar destas coisas. Muito possessor foi enxotado de suas terras pelos jagunços de fuzil. Os jagunços rebentaram cerâmica dos tupiniquins. "Os jagunços não respeitaram nem a memória do Imperador" — diz um homem. Eles desturiram o marco que dizia que o imperador do Brasil queria proteger os tupiniquins. — Por que fizeram isto? No Espírito Santo, ninguém prova nada. Mas o certo é que a companhia que comprou (por um preço muito, muito baixo) estas terras... que até ganhou (de graça) muita terra, teve um lucro fantástico. A multinacional de nome Aracruz Investimentos vai extrair celulose do eucalipto — e esta celulose movimentará uma imensa fábrica de papel, cinco vezes maior do que a Borregaard, de Porto Alegre. O pessoal tem medo de falar nestas coisas, no bar do Vantuil. O rapaz sonhador diz, porém, que podem até "enfiar ele no cubículo da cadeia de Nova Almeida que ele diz que esta história dos eucaliptos... esta história não dá... não dá... a gente vai comer eucalipto?" Quando as terras da região foram passadas para a Aracruz, uma das coisas que se falou é que lá não havia mais índios. Foi o que disse o antigo governador do Espírito Santo que fez o negócio. Hoje, ele é diretor da Aracruz. E a Aracruz só contrata trabalhador com todos os papéis, com carteira de identidade, com carteira do trabalho. Foi uma maneira de não contratar nenhum índio. A mata boa sumiu. A mata de eucalipto não presta. Não tem caça. Isto dizem os índios. E uma mata triste. Não tem pássaros. Isto também dizem os índios. Os índios e os outros caboclos da região.

Qual é a diferença entre um índio e qualquer outro caboclo pobre do sertão? As casas são quase iguais quando não são iguais. São as mesmas calças remendadas. É a mesma falta de condições de vida. Não há médico nem remédios, nem para uns, nem para os outros. Tiramos dos tupiniquins a condição de tupiniquins; o antigo equilíbrio entre eles e as matas (em que até os animais podiam viver) foi cortado. E eles passaram apenas à condição de caboclos sem terra boa, sem nada, obrigados a passar o dia inteiro na lama do mangue, para poderem ganhar uns niqueis. Mesmo assim, quando chega um visitante qualquer com uma máquina fotográfica na mão e um sorriso, eles correm para bater o Congo. O Congo é a última manifestação de união destes homens. E o Congo está ligado ao folclore africano! Eles batem o Congo com os instrumentos que fabricam — bumbos, tamborzinhos, uma espécie de reco-reco, e cantos. O mastro em que são colocadas imagens de santos é recolhido na mata. E erguido à frente da Igreja. O padre aparece de vez em quando. Uma vez, o padre não apareceu, e como era uma festa importante, um cacique subiu, vestiu as roupas do padre e rezou — em português e latim. Alguém espionou por trás e viu que o livro de rezas estava virado de cabeça para baixo... Mas a oração do cacique-padre foi perfeita. Agora, os tupiniquins não vivem como os velhos tupiniquins. Não há mais um conselho da tribo. Manda na tribo o dono do Congo. Depois que morreu o velho Francisco, o chefe do Congo é Alexandre Cizenanda. E ele quem está apitando, apitando,

chamando o pessoal para bater o Congo para os visitantes. O povinho vai chegando. Um dos reis do Congo é seu Arindo. Descende de negros mas não admite que alguém diga isto. Nasceu ali e se considera índio. Chama sua mulher, dona Guilhermina, e diz, batendo no peito: — Índia pura... Bate em seu peito e grita: — Eu sou índio puro. Puro até no cuspe! E sai pulando no Congo. Uma turminha já está à nossa frente, tocando, cantando. Até o Antônio, moço índio de cabelos compridos (como se fosse um Beatle!) e idéias estranhas, se aproximou. E foi bater o Congo. Antônio não vive mais na aldeia. Seus pais vivem. Antônio agora é operário, tratador, veste calças brancas, boca larga, usa um chapeuzinho malandro, e um sapato de salto. Antônio é goleiro de um time de futebol de Nova Almeida e por ele seus pais iam embora da aldeia. Mas os pais não querem ir embora. Estão entusiasmados porque, dizem, o governo vai dar umas terrinhas para os índios... Um bando de crianças cercou os homens que batem o Congo. E um Congo diferente do Congo negro. Eles dançam em círculos, como os índios costumam dançar. Eles cantam em português mas só se entendendo um verso, triste, entoado melancolicamente: — Meu coração eu vou te levá... Minha saudade... eu vou te deixá. A palavra que mais se entende enquanto eles cantam é "saudade".

### A Funai estuda os tupiniquins

A FUNAI assinou um convênio com o governo do Estado do Espírito Santo e com a Universidade Federal daquele Estado, para estudar as condições em que sobrevivem os índios tupiniquins que habitam a região de Cedeiras Velhas e adjacências, no município de Aracruz. A comissão de especialistas, após entrevistar 611 indígenas, chegou a estas conclusões:

"Em caráter prioritário recomenda-se que a FUNAI e órgãos competentes, regularizem a questão das terras necessárias à permanência e desenvolvimento do grupo indígena". A comissão preocupou-se, ainda levantar pelo antropólogo Celso Perota, as condições de higiene, educação e trabalho em que vivem os tupiniquins. A renda familiar dos tupiniquins,

segundo o relatório, "não permite a satisfação de suas necessidades básicas". Amanhã, o Jornal da Tarde vai contar o que o governo brasileiro tem feito pelos índios em todo o território nacional.